



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Comunicação (FAC)
Comunicação Organizacional

Tainá Alves Carvalho de Oliveira

Precisamos contar as nossas próprias histórias: um artigo sobre a cineasta Edileuza Penha de Souza e suas vivências enquanto mulher negra produtora de audiovisual no Distrito Federal (DF)

Brasília

2023

Tainá Alves Carvalho de Oliveira

Precisamos contar as nossas próprias histórias: um artigo sobre a cineasta Edileuza Penha de Souza e suas vivências enquanto mulher negra produtora de audiovisual no Distrito Federal (DF)

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel/Licenciado em 18 de dezembro de 2023.

Orientador(a): Prof. Dione Oliveira Moura

Brasília
2023

Tainá Alves Carvalho de Oliveira

Precisamos contar as nossas próprias histórias: um artigo sobre a cineasta Edileuza Penha de Souza e suas vivências enquanto mulher negra produtora de audiovisual no Distrito Federal (DF)

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel/Licenciado em 18 de dezembro de 2023.

Data da aprovação: 18/12/2023

Dione Oliveira Moura — Orientador
Mestre/Doutor em Comunicação
Professor(a) da Universidade de Brasília (UnB)

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a minha querida mãe, Francisca das Chagas Alves Ferreira, que sempre me apoiou, motivou e me deu forças para estudar e me tornar a mulher que sou hoje. Ao projeto: Cartas para o Amanhã e orientação da Professora. Titular Dione Moura que me inspirou, deu luz a minha ideia de contar histórias e dar visibilidade para as cineastas negras do Distrito Federal, também a cineasta Edileuza Penha de Souza que me recebeu com amor, alegria e carinho em sua casa. Vocês foram essenciais para a minha conquista!

Precisamos contar as nossas próprias histórias: um artigo sobre a cineasta Edileuza Penha de Souza e suas vivências enquanto mulher negra produtora de audiovisual no Distrito Federal (DF)

Tainá Alves Carvalho de Oliveira¹

Resumo: Este artigo e pesquisa tem o propósito de investigar a importância e história do feminismo negro, bem como de sua formação para a construção do cinema feminino negro no Brasil. O feminismo negro surgiu a partir da luta e união de militantes/intelectuais negras em movimentos sociais feministas e negros. A pesquisa, em conjunto com o projeto *Cartas para o Amanhã* tem como foco o estudo do perfil biográfico de Edileuza Penha de Souza, cineasta e educadora do Distrito Federal e ganhadora do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro com o melhor curta-documentário de 2021, *Filhas de lavadeiras (2019)*, que busca, através da sua voz, quebrar estereótipos raciais de mulheres negras no cinema e trazer uma nova perspectiva que fala de amor e afetividade negra.

Palavras-chave: Edileuza Penha de Souza; Projeto Cartas para o Amanhã; Feminismo; Afeto; Ancestralidade.

Abstract:

This article and research is linked to the “Cartas para o Amanhã” (Letters for Tomorrow) project, which aims to investigate the importance and history of black feminism, as well as its formation for the construction of black female cinema in Brazil. Black feminism emerged from the struggle and union of black activists/intellectuals in feminist and black social movements. The article focuses on studying the biographical profile of Edileuza Penha de Souza, filmmaker and educator from the Federal District of Brazil and winner of the “Grande Prêmio do Cinema Brasileiro” (Brazilian Cinema Grand Prize) for the best short documentary of 2021 “Washerwomen’s Daughters”, which seeks, through her voice, break racial stereotypes of black women in cinema and bring a new perspective that talks about black love and affection.

Keywords: Edileuza Penha de Souza; “Cartas para o Amanhã” (Letters for Tomorrow) project; Feminism; Affection; Ancestry.

¹ Graduanda em Comunicação Organizacional pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: tainaalvescarvalho1900@gmail.com sob orientação da Prof^a Dra^a Dione O. Moura. E-mail: dioneoliveiramoura@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Quando me pego pensando sobre a minha vida, recordando o meu passado e ouvindo histórias de meninas negras, assim como eu, deparo-me com experiências similares às minhas por todas nós termos em comum a pele negra. Minha justificativa pessoal para o uso do tema se iniciou há muito tempo. Quando era pequena não me sentia representada em produções audiovisuais e percebia que as personagens negras eram espelhadas de uma forma totalmente preconceituosa e estereotipada, e nunca eram as protagonistas. A ausência de representação e identificação afetou diversas escolhas na minha vida, por exemplo, em pensar que precisava fazer uma rinoplastia para me sentir bonita, usar chapinha no cabelo para tentar me encaixar mais na escola, ou ainda em achar que eu não poderia seguir a minha profissão por nunca ter visto alguma outra mulher negra ocupando aquele espaço. A falta de representatividade me fez questionar, desde muito cedo, o porquê as representações sempre eram de pessoas brancas.

Ao entrar na faculdade e, posteriormente, conhecendo o trabalho de grandes cineastas e alunas de audiovisual da Universidade de Brasília, vi ali a oportunidade de dar visibilidade e mostrar o trabalho de cineastas negras do Distrito Federal contando suas histórias. Em conversa com minha orientadora Dione Oliveira Moura pude concretizar a minha ideia focando em uma das cineastas que tinha em mente para o meu projeto de pesquisa, Edileuza Penha de Souza².

Conheci a cineasta Edileuza Penha de Souza através do filme *Filhas de Lavadeiras* (2019), lembro como se fosse hoje, após assistir ao filme, enquanto passavam aquelas letrinhas miúdas com os créditos, eu senti uma sensação de aconchego, ali eu me vi, vi minha mãe e suas histórias que cresci escutando.

Nós, filhas de lavadeiras, de trabalhadoras domésticas, de babás e cozinheiras, crescemos ouvindo histórias duras de nossas mães e avós e hoje graças aos esforços de nossas ancestrais quebramos o ciclo de submissão em nossas famílias, temos a oportunidade de estudar em uma Universidade Pública e

² Edileuza Penha de Souza militante/ intelectual negra e ativista, historiadora, cineasta, e doutora em história pela Universidade de Brasília (UnB).

conhecer grandes escritoras como: Lélia Gonzalez³, Beatriz Nascimento⁴, Sueli Carneiro⁵, bell hooks^{6,7}, Angela Davis⁸, Djamila Ribeiro⁹, Dione Oliveira Moura¹⁰, Edileuza Penha de Souza¹¹, e várias outras que vem durante muito tempo denunciando a clássica história das mulheres negras no Brasil.

Precisamos dar notoriedade às mulheres negras que estão aqui, que pedem igualdade, denunciam os racismos¹² e lutam diariamente para que as nossas vozes sejam ouvidas. Temos que contar nossas próprias histórias, mostrar nossas raízes, nossos tipos de cabelos e suas texturas¹³, nossos amores, nossas vivências, alegrias e tristezas, quem somos e porque somos, e representar isso também através da arte é um dos gestos mais lindos que se pode ver.

A presente pesquisa vincula-se ao projeto *Cartas para o Amanhã*¹⁴, iniciativa que busca homenagear a pensadora e historiadora Lélia Gonzalez, com a participação e protagonismo de estudantes da Faculdade de Comunicação (FAC/UnB) sob a orientação e autoria da atual Diretora da Faculdade de

³ Lélia Gonzalez foi uma intelectual, autora, ativista, professora, filósofa, antropóloga brasileira, referência nos estudos e debates de gênero, raça e classe na América Latina.

⁴ Maria Beatriz Nascimento foi uma historiadora, professora, roteirista, poeta, ativista pelos direitos humanos, além de uma das maiores líderes do feminismo negro e uma das principais vozes do movimento social negro no Brasil.

⁵ Aparecida Sueli Carneiro é uma filósofa, escritora e ativista antirracista do movimento social negro brasileiro. Fundadora e atual diretora do Geledés Instituto da Mulher Negra, considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil.

⁶ Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks em homenagem a sua bisavó : Bell Blair Hooks, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense. hooks publicou mais de trinta livros e numerosos artigos acadêmicos, apareceu em vários filmes e documentários, e participou de várias palestras públicas.

⁷ A escolha das iniciais em minúsculo é proposital e visa dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

⁸ Angela Davis é uma militante intelectual negra, ativista, filósofa, socialista e professora negra norte-americana que carrega uma importante trajetória de resistência e luta no movimento negro estadunidense.

⁹ Djamila Ribeiro é uma filósofa, ativista social, professora e escritora que denuncia o racismo, a violência e a desigualdade social no Brasil.

¹⁰ Dione Oliveira Moura professora titular e atual Diretora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), também eleita pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB (Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003).

¹¹ Edileuza Penha de Souza militante/ intelectual negra e ativista, historiadora, cineasta, e doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB).

¹² Referência ao racismo e suas múltiplas manifestações (Estrutural, Institucional, Ambiental, Religioso, etc).

¹³ Referência de variados tipos de cabelos e texturas que muitas vezes eram vistas por preconceituosos como algo feio e fora do padrão dos cabelos lisos. Aqui cito as texturas (crespo - 4A, 4B, 4C, cacheado 3A, 3B,3C, ondulados 2A,2B,2C).

¹⁴ Mais informações do projeto disponíveis no site *Cartas para o amanhã*. Disponível em: <https://cartasparaoamanha.wixsite.com/website>.

Comunicação e professora titular Dione Moura, também eleita pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na Universidade de Brasília (UnB).¹⁵

Também relacionado ao projeto *Cartas para o Amanhã*, temos o livro *Vá no seu tempo e vá até o final: mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da Universidade de Brasília (UnB)*¹⁶, de autoria de Dione Oliveira Moura e Deborah Silva Santos¹⁷. O livro também comemora os 20 anos das cotas na Universidade de Brasília (UnB), no histórico ano de 2003, a instauração da política de ação afirmativa para jovens negras, negros e indígenas. O exemplar está disponível para *download* gratuito no *site* da editora UnB e traz também o depoimento de cineastas negras, como Juciele Fonseca¹⁸ e Flora Egécia.¹⁹

O projeto *Cartas para o amanhã - Vigilância Comemorativa, Lélia Gonzalez e os próximos 60 anos da UnB*, busca por meio de estudos, através de uma epistemologia afrocentrada, reduzir a invisibilidade e a solidão negra na Universidade de Brasília (UnB). A iniciativa vem desde 2020, inspirando e motivando mediante leituras e ensinamentos de grandes autoras negras e, por meio de cartas escritas e enviadas por alunos/as e ex-alunos/as que contribuem com memórias, percepções, experiências e aprendizados que serão documentados em um livro sobre o projeto que está em produção. Escrevendo cartas, levamos uma mensagem aos/às futuros/as estudantes que ingressarão na universidade no ano de 2061, lembrando-os que nossas vozes e nossas histórias precisam ser ouvidas e lembradas em vida para que os/as futuros/as jovens estudantes da

¹⁵ (Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003).

¹⁶ MOURA, D. O.; SANTOS, D. S. *Vá no seu tempo e vá até o final: mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB*. Portal de Livros da UnB, 2022.

¹⁷ Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) - Lisboa/ Portugal. Mestre em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Bacharela e Licenciada em História pela PUC/SP.

¹⁸ Graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília (UnB). Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeiras* (Edileuza Penha de Souza, 2019), dentre outros.

¹⁹ Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Universidade de Brasília (UnB) se sintam representados/as, estejam cada vez mais presentes na Universidade e carreguem consigo um pedacinho de cada carta lida.

O projeto vem expandido a sua produção, contando histórias e dando a devida notoriedade para autoras e mulheres negras, com o desenvolvimento de estudos e pesquisas que não param de avançar. Hoje a iniciativa conta com mais de 60 cartas documentadas, e também realiza projetos de pesquisa como o meu artigo documental sobre a cineasta Edileuza Penha de Souza, que busca dar visibilidade para cineastas negras.

Neste artigo e documentário em formato de entrevista biográfica, conto a história de vida da cineasta Edileuza Penha de Souza, que em suas produções traz narrativas de mulheres negras e suas ancestralidades, rodeadas de afeto e muito amor. Aqui, Edileuza não está por trás das câmeras, ela narra sua história de vida, relata sobre a sua infância, relembra memórias com seus familiares e conta detalhes sobre a sua carreira como cineasta e educadora.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia usada neste trabalho é o estudo de um perfil biográfico, com esse modelo buscamos conhecer profundamente a pessoa em questão. Sendo assim, foi analisado o contexto histórico, social, cultural, linguístico, econômico e político entre a pessoa estudada e a representação que ela faz de si mesma, além de suas relações com terceiros, a análise de suas experiências, destacando suas principais conquistas, memórias, seus desafios e os mais relevantes relatos fornecidos em entrevista.

Durante o trabalho foi realizada inicialmente a produção de um roteiro para guiar a entrevista, que foi documentada no dia 06 de novembro de 2023. O mesmo foi pensado em conjunto com a orientação e dividido por temas, sendo eles: formação profissional e história de vida da cineasta Edileuza Penha de Souza, totalizando com 12 perguntas objetivas, 6 para cada tema.

As perguntas sobre a história de vida tinham como intuito esclarecer e instigar a entrevistada Edileuza Penha de Souza para que ela contasse de forma espontânea sobre a sua infância, adolescência, memórias de familiares e sobre o

lugar onde cresceu.

Já as perguntas sobre a carreira profissional dela tinha como critério investigar a sua experiência no movimento negro, principalmente em contato com grandes nomes como Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Helena Theodoro, Beatriz Nascimento, Neusa Santos entre tantas outras que ela cita e comenta sobre em entrevista.

Aqui, ainda foquei em perguntar sobre suas produções audiovisuais: *Filhas de Lavadeiras* (2019) e *Mulheres de Barro* (2014). Também a respeito do seu contato com Ruth de Souza e Conceição Evaristo que participaram do elenco de *Filhas de Lavadeiras* (2019). Além de, sobre seus estudos e carreira na Graduação, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado.

2.1 DIA DE GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA DOCUMENTAL COM EDILEUZA PENHA DE SOUZA

Fig 1 – Entrevista com Edileuza Penha de Souza dia 06 de novembro de 2023



Fonte e créditos da imagem: Tainá Carvalho.

O encontro aconteceu no dia 06 de novembro de 2023, na casa da cineasta e educadora Edileuza Penha de Souza. A entrevista documental foi guiada com base em um roteiro feito sob orientação da prof. titular Dione Oliveira Moura, com 12 perguntas objetivas separadas em dois temas (História de vida) e (Formação profissional). A entrevista documental em vídeo foi gravada, editada com fotos e arquivos de seu acervo pessoal, disponibilizados e autorizados pela entrevistada Edileuza Penha de Souza.

O documentário será divulgado no site do projeto *Cartas para o Amanhã* com uma breve descrição sobre o Trabalho de Conclusão de Curso, e está publicado no *Youtube* com o título: Edileuza Penha de Souza: Uma história de amor, ancestralidade e identidade negra²⁰.

2.1.1 REVISÃO TEÓRICA

2.1.2 LUTA NEGRA E O FEMINISMO NO BRASIL

A luta pelo feminismo surgiu no século XIX, tendo como um dos principais nomes no Brasil, Nísia Floresta²¹, com reivindicações de mulheres por direitos à vida política e social, como o direito ao voto, estudos e trabalho. Em 1922 nasceu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) liderado por Bertha Maria Júlia Lutz²². Já em 1970, houve uma nova onda feminista que lutava por direitos, em plena ditadura militar brasileira, o movimento feminista militante ganhou as ruas em resistência e luta pelos direitos das mulheres (RIBEIRO, 2018, p.29). Em 1975, foi criado o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA)²³ tendo como líder Therezinha Zerbini²⁴, que em entrevista e segundo (DUARTE, 2019, p.1), afirma que: “nós,

²⁰ Documentário vinculado ao Trabalho de Conclusão de Curso - Edileuza Penha de Souza: https://youtu.be/9GOMBV_IQ0w

²¹ Nísia Floresta foi escritora, educadora e poetisa e pioneira na defesa dos direitos e na luta pela emancipação das mulheres no século XIX.

²² Bertha Maria Júlia Lutz foi educadora, militante/intelectual feminista e uma das maiores líderes na luta e articulação pelos direitos políticos e ao voto das mulheres no Brasil.

²³ Tendo como figura líder Therezinha Zerbini e o destaque do ativismo feminino, o Movimento Feminino pela Anistia – MFPA (1975), foi o primeiro a articular-se pública e oficialmente, construindo sua atuação por meio de reuniões regionais, da criação de núcleos estaduais, da edição e distribuição de boletins e jornais que espalharam pelo país inteiro a luta pela anistia.

²⁴ Therezinha Zerbini foi Advogada, assistente social e ativista de direitos humanos e líder fundadora do Movimento Feminino pela Anistia durante a ditadura.

mulheres brasileiras, assumimos nossas responsabilidades de cidadãos no quadro político nacional. Através da história, provamos o espírito solidário da mulher, fortalecendo as aspirações de amor e justiça”.

Na década de 1970, entre o feminismo branco hegemônico e o movimento de militantes/intelectuais negros, vemos os primeiros indícios do movimento feminista negro, mas ele só ganha maior visibilidade em 1980 com a organização de diversos grupos militantes/intelectuais de mulheres negras que lutavam por direitos, igualdade e melhoria de vida. Com base nos estudos de Núbia Moreira,

A relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertioga em 1985, de onde emerge a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista.²⁵ (RIBEIRO, 2018, p.34)

Então, conseguimos entender que a organização e a criação de diversos grupos/movimentos militantes feministas e negros no Brasil trouxeram pautas e discussões sobre questões de raça, classe e gênero e permitiram que essas mulheres mostrassem e denunciasses as diferenças nas representações e visões das mulheres negras no imaginário social brasileiro.

O movimento contemporâneo de mulheres negras emergiu no bojo da luta feminista e antirracista da década de 70. Constata-se que a presença mais organizada das mulheres negras no movimento feminista em nível nacional e continental a partir de 1985 tem colocado em cena novas questões. Ao longo dos anos, foram realizados onze Encontros Nacionais Feministas (ENF) ocorrendo nos três últimos (Garanhuns/87 Bertioga/89 e Caldas Novas/91) o crescimento do número de participantes assim como a presença efetiva de setores que passam a ter interferência neste movimento como as mulheres dos movimentos sindical popular e negro. No âmbito da América Latina e Caribe essa mesma ampliação tem ocorrido a partir do terceiro (Bertioga/85 Taxco/87 San Bernardo/90 e El Salvador/93) de um total de seis Encontros Feministas Latino-americanos e do Caribe. (RIBEIRO, 1995, p. 447)

O feminismo negro teve um papel fundamental para a luta pela saúde reprodutiva das mulheres negras na década de 1970, quando houve uma tentativa de embranquecimento social com as esterilizações em massa pela política de controle da natalidade, militantes/intelectuais e ativistas estavam presentes na luta

²⁵ Djamila Ribeiro desenvolve sua fala a partir do vídeo Movimento feminista negro no Brasil, de Núbia Moreira. | MOREIRA, N. *Movimento feminista negro no Brasil*. In: Núbia Moreira. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/TQa0La1YIFw?si=zVpdFIBKMVKbFKkk>> . Acesso em: 11 dez. 2023.

pelo direito à saúde sexual e reprodutiva dessas mulheres. O III Encontro Feminista da América Latina e do Caribe (1985), que ocorreu em Bertioga em São Paulo, contou com a presença de militantes/intelectuais e ativistas negras que lutavam ao combate do racismo, violência e principalmente pelo direito à saúde sexual e reprodutiva das mulheres negras²⁶. Assim, o feminismo negro se firmou e logo surgiram outras organizações como: Coletivo de Mulheres Negras Nzinga (RJ, 1983), Criola (RJ, 1992), Geledés (SP, 1997) e Fala Preta (SP, 1997) que buscavam denunciar e lutar pelos seus direitos.²⁷

A população branca corresponde a 55%, a parda a 38%, a negra a 6% e a amarela a 1%. De 1970 para 1980 a população branca reduziu-se de 61% para 55% e a parda aumentou de 29% para 38% [...]. Enquanto a população branca praticamente já se conscientizou da necessidade de controlar a natalidade, principalmente nas classes médias e altas, a negra e a parda elevaram seus índices de expansão em 10 anos, de 29% para 38%. Assim temos, 65 milhões de brancos, 45 milhões de pardos e um milhão de negros. A manter essa tendência no ano 2000 a população parda e negra será de ordem de 60%, portanto muito superior à branca, e eleitoralmente poderá mandar na política e dominar postos-chaves. A não ser que façamos como em Washington, capital dos Estados Unidos, que devido ao fato da população negra ser da ordem de 63% não há eleições. (DAMASCO, 2012, p.138)²⁸

A invisibilidade das mulheres negras no feminismo fica evidente quando se vê as reivindicações que eram feitas, então entendemos que, quando se fala de mulheres no feminismo branco hegemônico, na verdade, estamos falando da luta de um grupo de mulheres que eram oprimidas de forma diferente das mulheres negras, mulheres brancas de classe média, que na maioria das vezes tinham acesso aos estudos e leituras sobre o feminismo no exterior.

Vemos essas diferenças observando o cenário de criação e formação de crianças negras na sociedade, no qual elas não se viam representadas na televisão e no cinema, que nunca tiveram uma boneca negra ou se encantaram com personagens de princesas negras em desenhos animados. Para meninas negras na infância, no lugar de brincar e ser criança, elas foram ensinadas tarefas

²⁶ MOREIRA, N. *Movimento feminista negro no Brasil*. In: Núbia Moreira. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/TQa0La1YIFw?si=zVpdFIBKMVkbFKkk>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

²⁷ CARVALHO, Rayssa A. *Hoje na História, 18 de maio de 1950, aconteceu a Criação do Conselho Nacional de Mulheres Negras, no Rio de Janeiro*. In: Portal Geledés. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-18-de-maio-de-1950-acontecia-criacao-conselho-nacional-de-mulheres-negras-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 01 jan. 2024.

²⁸ Pronunciamento do deputado Luiz Carlos Santos, São Paulo, em 5 de agosto de 1982 (SÃO PAULO, 1982).

domésticas desde cedo para ajudar em casa e para que futuramente ela trouxesse dinheiro para auxiliar na renda da família, seguindo os passos de outras representações femininas no ciclo familiar que acabavam prestando trabalhos em casa de mulheres brancas.

Então, enquanto as mulheres brancas reivindicavam o direito ao trabalho e ao voto, mulheres negras não tinham a possibilidade de estudar e serem alfabetizadas, e na vida adulta não tinham espaço para exigir algo, pois enquanto as mulheres brancas podiam lutar pelo feminismo, grande parte das mulheres negras estavam as servindo e cuidando de seus filhos.

Segundo o Mapa da Violência, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), de 2017, a cada 23 minutos um jovem negro morre no Brasil por ano, totalizando 23.100 jovens negros de 15 a 29 anos. Esses números crescem cada vez mais e mostram a desigualdade social e o privilégio branco na sociedade.²⁹

Em um contexto no qual no ano de 2022 a maioria das mortes são de pessoas negras, percebe-se então que as diferenças entre raça, classe e gênero são evidentes. Com base no relatório da Anistia Internacional, até a metade do ano de 2022 houveram 699 declarações de mortes por feminicídio, a cada 24 horas quatro mulheres foram mortas no Brasil no primeiro semestre do ano, dentre elas 62% das mulheres eram negras.³⁰

Em qualquer luta social, assim como a do feminismo existem várias vertentes dentro dela, quando se fala de movimento social entende-se que na sociedade existem várias diversidades de gênero, raça e classe, a partir daí compreendemos que a luta dessas mulheres pelo feminismo não é uma só. Estudos como o de Mara Vigoya reconhecem que Lélia Gonzalez, junto com outras grandes autoras como a Thereza Santos, Maria Beatriz do Nascimento, Luiza Bairos, Jurema Werneck, Sueli Carneiro, dentre outras, lutaram para dar voz e

²⁹ MARQUES, Marília. 'A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil', diz ONU ao lançar campanha contra violência. In: Portal Geledés. 2017. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia/>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

³⁰ BOM DIA BRASIL. Mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil, aponta Anistia Internacional. In: G1. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/03/28/mulheres-negras-representam-62percent-das-vitimas-de-femicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional.ghtml>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

construir o movimento feminista negro no Brasil (MOURA; ALMEIDA, 2019. p. 31). Durante entrevista ao Jornal do Movimento Negro Unificado (MNU), edição de maio/junho/julho de 1991, Lélia Gonzalez salienta:

No meio do movimento das mulheres brancas, eu sou a criadora de caso, porque elas não conseguiram me cooptar. No interior do movimento havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo. As mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá para a gente dialogar com elas, etc. E eu me enquadrei legal nessa perspectiva aí, porque para elas a mulher negra tinha que ser, antes de tudo, uma feminista de quatro costados, preocupada com as questões que elas estavam colocando. Agora, na própria fala, na postura, no gestual, você verificava que a questão racial era... Isso a gente já discutiu muito e a experiência mais positiva que eu tive foi num encontro na Bolívia promovido pelo MUDAR (Mulheres por um Desenvolvimento Alternativo), uma entidade internacional que foi criada um pouco antes do encerramento da década da mulher em 1985. Foi ali, pela primeira vez, que eu encontrei um tipo de eco, uma maturidade por parte do movimento, no sentido de parar e refletir sobre as questões que a gente coloca enquanto mulher negra, a dimensão racial que está presente em tudo e você não pode fingir que ela não existe. (GONZALEZ, 1991)³¹

Ter mulheres negras em movimentos políticos e na intelectualidade negra foi essencial para a construção do pensamento feminista negro no Brasil. Lélia Gonzalez, é um dos nomes mais citados quando se fala de feminismo negro na América Latina, desde a década de 1970, ela traz suas reflexões ao mundo sobre a opressão que mulheres negras vivem e sofrem diariamente. Com a sua participação em movimentos sociais e seus discursos nos quais denunciavam, pensavam e mostravam a relação entre o sexismo e racismo, ela realçava a posição social em que a mulher negra se encontrava no país.

Em 1978, em um ato público nas escadarias do Theatro Municipal de São Paulo (SP), houve em protesto que repudiava as situações de racismo que as pessoas negras vinham sofrendo, ali Lélia Gonzalez com um grupo de Intelectuais negros e negras, fundaram o Movimento Negro Unificado (MNU). Já em 1983, ela formou e iniciou com outras mulheres negras o Nzinga (Coletivo de Mulheres Negras), no Rio de Janeiro. Além de também participar da construção do Partido

³¹ MNU JORNAL. *Entrevista Lélia González. Nº 19 - maio/junho/julho de 1991* (páginas 8 e 9). In: Blogueiras Negras. 1991. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/wp-content/uploads/2013/07/entrevistalelia-mnu.pdf>. Acesso em: 21 jul 2023.

dos Trabalhadores (PT) em 1980, e de discussões sobre a Constituição de 1988, nas quais Lélia levava e destacava a luta do povo negro.³²

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

O conceito de interseccionalidade foi criado por Kimberlé Crenshaw em 1989 e diz que não podemos pensar o feminismo de forma singular e universal em um espaço onde existem tantas pluralidades de mulheres que se enquadram em gêneros, raças e classes diferentes, no qual seus lugares de fala são distintos uns dos outros. Por isso, é importante pensar em como esses espaços se inter cruzam.

Cada indivíduo tem o direito de definir suas próprias identidades e esperar que a sociedade as respeite. Isso também inclui o direito de expressar nosso gênero sem medo de discriminação ou violência. Em segundo lugar, temos que ter o direito exclusivo de tomar decisões sobre nossos próprios corpos, e que nenhuma autoridade política, média ou religiosa violará a integridade de nossos corpos contra nossa vontade ou impedir nossas decisões acerca do que fazemos com eles. (KOYAMA, 2001, p. 2)

Quando se fala da luta de mulheres no feminismo, também nos deparamos com a invisibilidade das mulheres trans. Quando Simone de Beauvoir, em 1949 em *O segundo sexo*, disse: “não se nasce mulher, torna-se mulher”.³³ (RIBEIRO, 2018. p. 30), em sua fala entendemos que existe uma quebra da colocação de gênero e sexo de forma biológica, evidenciando a ideia do feminismo de desvincular o padrão de construção de gênero culturalmente imposto. O trecho faz uma crítica a visão cultural e estrutural imposta sobre o que é ser mulher e o padrão de comportamentos e deveres que já são predeterminados na criação de uma menina.

O próprio conceito do falocentrismo por Jacques Lacan (1958) mostra o questionamento sobre a existência do sexo feminino, afirmando somente a presença do sexo masculino, assim a mulher é definida como um homem castrado,

³² CULTNE. *Lélia Gonzalez - Feminismo Negro no Palco da História*. In: Cultine – Youtube. 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/WxB3SVZ2tzk?si=K2gS1N9arJOrNBBL>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

³³ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

o que evidencia a superioridade masculina como lugar central de fala, já que em consequência do sexo feminino não possuir o órgão (falo) se caracteriza como inferior ao homem e por consequência deve se submeter ao mesmo. Dessa forma, as mulheres muitas vezes são representadas como incapazes perante a figura masculina, criando a visão de que a sua função é cuidar do lar, e a do homem é a mão de obra e o desenvolvimento intelectual.

2.1.3 EDILEUZA PENHA DE SOUZA: FEMINISMO NEGRO E REPRESENTAÇÃO NA INTELLECTUALIDADE NEGRA

Edileuza, também militante do movimento negro, iniciou sua luta desde muito cedo, em entrevista ela relata “Eu entrei no mercado de trabalho cedo, e aí minha primeira militância vem do sindicato, depois Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Partido dos Trabalhadores (PT)” (SOUZA, 2023). Seu interesse se deu a partir da reabertura do Colégio Estadual do Espírito Santo, onde estudou por algum tempo. Ela relembra o acontecido:

O Grêmio estava fechado desde 1964, estou falando dos anos 80, exatamente 1980. Nesse processo de redemocratização, é o ano em que eu entro no Colégio Estadual do Espírito Santo... a partir daí que a gente consegue fazer a reabertura do Grêmio Estudantil. Todo esse processo vai me levar para o movimento social negro. (SOUZA, 2023)

Ela descreve como surgiu seu interesse pelo movimento social e relembra que na época estavam criando o Centro de Cultura Negra do Espírito Santo (CECUN)³⁴, do qual ela também participou. Na época, já militando dentro do CECUN, Edileuza descobre o movimento feminista negro. Ela relata que quando estavam organizando o primeiro encontro Sul-sudeste, não queriam discutir questões de gênero: “eu também militava no movimento de mulheres, onde a gente não tinha espaço para discutir a questão racial, e nem questões de gênero no movimento negro” (SOUZA, 2023). Em julho de 1995, as mesmas mulheres que fundaram a primeira organização de mulheres negras na cidade de Vitória/ES

³⁴Centro Estudos Cultura Negra no Estado do Espírito Santo Fundado em 24/02/1983 (e-mail: cecun.es@gmail.com).

deram mais um passo, e fundaram a Associação de Mulheres Negras Oborin-Dúdú³⁵. Essa associação foi essencial para a união do movimento e organização dessas mulheres negras em nível nacional e internacional.³⁶

Começamos a fazer intercâmbio com entidades de mulheres negras, no Brasil e internacionalmente, destacando-se nossa participação na IV Conferência Mundial de Mulheres, na China, a afiliação à Rede Afrolatino-americana e Afro Caribenha de Mulheres Negras e as parcerias com entidades de mulheres da Grande Vitória: Mulheres Unidas de São Pedro (MUSP), Força da Mulher de Inhanguetá (FMI) e Mulheres Unidas da Ilha das Caieiras. (NADER; MORGANTE, 2021, p. 205)

Em 1987, Edileuza, junto com outras mulheres (Ana Alverinda, Ariane Celestino Meireles³⁷, Benedita Nascimento, Marcia Santos, Maria Lígia, Nelma Monteiro, Suely Bispo e outras) fundaram a primeira organização de mulheres negras na cidade de Vitória. O movimento nasceu em um momento de resistência em meio às comemorações e denúncias do centenário da Assinatura da Lei Áurea. Desse grupo surgiram o I e o II Encontro Estadual de Mulheres Negras, que fizeram parte do I Encontro Nacional de Mulheres Negras do Brasil, em 1988 em Valença, no Rio de Janeiro. (NADER; MORGANTE, 2021, p. 204). Edileuza relata:

³⁵ Associação de Mulheres Negras Oborin-Dúdú - em Vitória/ES (1995).

³⁶ Associação de Mulheres Negra Oborin-Dúdú – fundada em 1995 no Espírito Santo, por mulheres que vieram do movimento negro, movimento de mulheres e movimento popular, na sua maioria educadoras. Oborin-Dúdú desenvolve oficinas na área da saúde, educação, dança e elaboração de tranças. Tem atuado sobre a questão da esterilização de mulheres negras e prestado serviços a outras organizações de mulheres em geral.

³⁷ Ariane Celestino Meireles é estudante do doutorado em ciências da educação da Universidade do Porto (Portugal), possui Mestrado em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (2012), pesquisadora sobre/com professoras lésbicas com a dissertação: "Políticas públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas: notas sobre a cidade de Vitória". Licenciada em Educação Física.

Foi com Veronica da Paz que realizamos o primeiro trabalho sobre sexualidade com um grupo de Mulheres de Santa Rita – Vila Velha. Numa época em que políticos capixabas trocavam ligaduras de trompas por voto, lá estávamos nós com o slogan: Ligadura é Ditadura!. No trabalho com essas mulheres, íamos aprendendo a falar de afeto com a mesma garra que falávamos de racismo. O convívio com a pobreza extrema nos fazia reconhecer nosso lugar de mulheres negras privilegiadas, tínhamos casa, alimento e família. Ali, com aquelas mulheres em situação de precariedade total, íamos compreendendo nossas regalias, diante de muitas mulheres, em sua maioria negras, que não tinham comida para alimentar seus filhos, e lembro que numa tarde de sábado, após a saída de uma dessas reuniões, choramos juntas pela primeira vez. (NADER; MORGANTE, 2021, p. 205)

No ano de 1990, o movimento de mulheres negras no Espírito Santo teve como “coordenação” o Oborin-Dúdú, em 1991 houve a delegação do II Encontro Nacional das Mulheres Negras, que aconteceu na cidade de Salvador, Bahia. Também em 1995, ocorreu *IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz* que ocorreu na China, neste encontro Edileuza Penha de Souza representou as mulheres negras do Espírito Santo. Em 1996 aconteceu o III Encontro Estadual das Mulheres Negras, organizado pelo Oborin-Dúdú. Neste mesmo encontro o movimento de mulheres negras do Estado do Espírito Santo esteve ativo na organização histórica da Marcha Zumbi dos Palmares, em Brasília, 20 de novembro de 1995, com cerca de 30 mil mulheres e homens militantes do movimento negro. (NADER; MORGANTE, 2021, p. 205)

Fig 2 – Marcha Zumbi dos Palmares, em Brasília, 20 de novembro de 1995



Fonte e créditos da imagem: Edileuza Penha de Souza.

No final de 1980 e início de 1990, com a esterilização em massa das mulheres negras, Edileuza relata que assim como várias militantes intelectuais negras na época, ela também fez parte do movimento de luta pelos direitos da saúde sexual e reprodutiva das mulheres negras, e relembra:

A laqueadura virou uma forma de extermínio da população negra, então obviamente as mulheres negras eram as principais vítimas da laqueadura, e aí eu me junto a um grupo de mulheres que discutiam saúde também, fizemos o movimento: Laqueadura é ditadura!. (SOUZA, 2023)

Durante sua trajetória no movimento negro, Edileuza conviveu com grandes nomes como: Lélia Gonzalez; Sueli Carneiro; Helena Theodoro; Beatriz Nascimento; Neuza Santos, e outras, pessoas que foram essenciais para sua construção crítica, escrita e lhe inspiraram por muito tempo. Ela complementa lembrando nomes de mulheres negras que também estiveram presentes e fizeram parte da sua história no movimento feminista negro.

Rachel de Oliveira foi uma das primeiras professoras negras universitárias que escreveu coisas de combate ao racismo. A professora Ana Célia Souza, de Salvador, que escreveu o primeiro livro sobre como o racismo estava estruturado nos livros didáticos, foi minha professora no mestrado. Narcimária Luz, que também é uma professora negra, vai falar sobre a questão da educação nos terreiros de Candomblé, também foi minha professora. Petronilha, a professora Petro foi quem estruturou a Lei 10.639, com as diretrizes curriculares. Depois a professora Nilma Lino³⁸, enfim...essas são as minhas referências teóricas, e são mulheres que tenho tido o privilégio de poder fazer trocas pessoais. Claro, isso somente foi possível com muito amor, com muita paixão, porque eram pessoas que, obviamente, sofreram "n" discriminações, enfim, mas que acreditaram, e tanto acreditaram que estamos aí. (SOUZA, 2023)

Com sua fala entende-se a importância de representações negras em diferentes espaços. É fundamental que existam mais pessoas negras ocupando lugares de conhecimento e contribuindo para a construção de um pensamento crítico sobre o racismo no Brasil, principalmente no meio acadêmico.

2.2 RESQUÍCIOS DE UMA HERANÇA ESCRAVOCRATA NO BRASIL

2.2.1 AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO BRASIL³⁹

Com base no perfil básico divulgado pelo Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas (Dieese) em 2022 no Brasil as mulheres representam 92% das pessoas ocupadas no trabalho doméstico, mas 65% dessas são mulheres negras, além de se enquadrarem no perfil de acima dos 40 anos e com renda inferior a um salário mínimo.⁴⁰ Ao falar sobre a solidão negra em lugares de conhecimento, a cineasta Edileuza Penha de Souza questiona: “Até quando

³⁸ Pedagoga, gestora, escritora, intelectual. Tem a trajetória marcada pelo pioneirismo de ser a primeira mulher negra do Brasil a comandar uma universidade pública federal: em 2013, é nomeada reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

³⁹ Politicamente o uso do termo Trabalhadores domésticos retira a carga de subserviência preconceituosa que é ligada a denominação e dá dignidade à essas trabalhadoras. “Empregada Doméstica” remete a lógica escravocrata.

⁴⁰ VILELA, Pedro Rafael. *Mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas no país*. In: Agência Brasil. 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/mulheres-negras-sao-65-das-trabalhadoras-domesticas-no-pais#:~:text=Mulheres%20negras%20s%C3%A3o%2065%25%20das%20trabalhadoras%20dom%C3%A9sticas%20no%20pa%C3%ADs%207C%20Ag%C3%A2ncia%20Brasil>>

Acesso em: 08 jan. 2024.

estaremos nesses lugares sem os nossos pares? Até quando eu vou morar em um apartamento na Asa Norte e ser confundida, quando eu descer no elevador social, ser confundida com uma trabalhadora doméstica?" (SOUZA, 2023). Na sua fala, entendemos o que o racismo estrutural deixou de legado, mostra que a visão de pessoas negras em lugares de pertencimento em bairros caros, universidades, grandes cargos profissionais é invisibilizado e muitas vezes solitário com somente uma ou duas pessoas negras representadas ali. Ela ainda complementa: "A falta de visibilidade te põe dentro de uma caixinha, então eu não posso ser a moradora, eu tenho que estar dentro da caixinha daqueles que estão servindo. Isso é muito cruel!" (SOUZA, 2023).

No Brasil, existem muitas histórias de mulheres negras, trabalhadoras domésticas que praticamente moraram no trabalho e viveram suas vidas no famoso "quartinho de empregada doméstica", ambiente afastado do restante da casa, com pouca luminosidade e ventilação. Além das constantes jornadas exaustivas de trabalho, ainda ouviam como justificativa a seguinte frase "mas você é como se fosse da família". Manipuladas por um falso sentimento, muitas mulheres viveram anos de suas vidas às vezes com apenas uma folga na semana, isso se tivessem folga.

O longa-metragem *Aqui não entra luz* (2022) da cineasta Karoline Maia, também filha de trabalhadora doméstica, indica a relação entre o quartinho da trabalhadora doméstica e a senzala.

São mulheres cuja história de trabalho começou na infância, muitas têm mãe que também foi trabalhadora doméstica, outras moravam em uma cidade muito pequena, e a família mandou para a capital [do Estado] na expectativa de que tivessem uma educação melhor, etc. Infelizmente são histórias muito comuns, que viram padrão" - diz Karoline Maia cineasta do curta. (MAIA, 2022)⁴¹

Percebem-se os efeitos de uma herança escravocrata quando recentemente no ano de 2022 ainda se veem casos como o de uma mulher negra idosa que viveu em trabalho análogo a escravidão desde 1970, por cerca de 50 anos. Neste caso, o Ministério Público do Trabalho se manifestou com a fala

⁴¹ VEIGA, Edison. *Longa 'Aqui não Entra Luz' aborda marcas do racismo e escravidão*. In: Uol. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/deutsche-welle/2020/11/20/longa-aqui-nao-entra-luz-aborda-marcas-do-racismo-e-escravidao.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

A dita escravidão contemporânea tem cor, raça, e no caso do trabalho doméstico, gênero. São as mulheres negras, em sua maioria nordestinas, vítimas de uma vulnerabilidade social extrema, que aceitam o trabalho doméstico, muitas vezes em troca apenas de comida e moradia (PEDROSO *apud* BOCCHINI. 2022)⁴²

É importante lembrar que ainda no mesmo ano surgiu a público o caso de Margarida Bonetti, uma brasileira foragida do Departamento Federal de Investigações americano (FBI), acusada de manter uma trabalhadora doméstica em condições análogas a escravidão por quase 20 anos nos Estados Unidos.⁴³

Deixo aqui também o meu relato pessoal: minha mãe também viveu essa história, com cinco anos ela foi levada do Maranhão para que uma mulher branca no Rio de Janeiro a “criasse” na esperança de uma vida melhor, ao chegar lá lhe foram ensinadas tarefas domésticas para que ela “ajudasse”, inicialmente com pequenos afazeres, quando grandinha ela já cuidava dos filhos pequenos de sua patroa, fazia comida, limpava a casa, passeava com os cachorros e muito mais, e assim foi a sua infância, sua adolescência e vida adulta, até ela engravidar e ser expulsa de casa pela “mãe de criação”. Após o ocorrido, ela se casou e se mudou para Brasília.

Aqui, entendemos a importância da ancestralidade que Edileuza Penha de Souza mostra em seus trabalhos, *Mulheres de Barro (2014)* e *Filhas de Lavadeiras (2019)* fala sobre ancestralidade e a importância da luta de nossas mães e avós para a quebra de um ciclo de mulheres negras na família como trabalhadoras domésticas. Sobre isso, Edileuza diz:

Assim, é romper com o que é quase uma predestinação. Para os racistas, se naturaliza isso. Tua avó foi trabalhadora doméstica, sua mãe é trabalhadora doméstica, e naturalmente você vai ser trabalhadora doméstica. Então, as cotas, que estão aí há vinte anos na Universidade de Brasília (UnB), servem para dar visibilidade. (SOUZA, 2023)

Ela também relata que a sua experiência universitária foi um lugar de

⁴² Fala do Procurador Rodrigo Lestrade Pedroso. BOCCHINI, Bruno. *Família manteve mulher em situação análoga à escravidão por 50 anos*. In: Agência Brasil. 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2022-04/mpt-processa-familia-por-manter-mulher-e-m-situacao-de-escravidao>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

⁴³ G1 SP. *Casa abandonada em Higienópolis: Entenda o caso da mulher que vive em mansão de SP*. In: G1. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/20/casa-abandonada-em-higienopolis-entenda-o-caso-da-mulher-que-vive-em-mansao-de-sp.ghtml>>.

solidão, de não ter pares dentro das salas de aulas, tanto no corpo docente, quanto discente. Finaliza sua fala comentando sobre a importância das cotas raciais para a integração e representatividade negra em espaços de conhecimento:

Você não, você entra na UnB e você olha para o lado, e você olha para frente, e você olha para trás, embora não tenha professores negros, que é um absurdo, enfim, mas isso é outro papo, mas você tem colegas na sua mesma situação, e você é quem vai possibilitar outro lugar, outro espaço para sua mãe, para os que estão vindo aí, entende? (SOUZA, 2023)

A Universidade de Brasília (UnB), foi a primeira Universidade Federal a adotar as cotas raciais, em 06 de junho de 2003, com vagas para pessoas negras e indígenas em seu vestibular. Em abril de 2012, o Governo Federal sancionou a Lei n.º 12.711 (Lei de Cotas para o Ensino Superior) e em 2020 o Cepe⁴⁴ aprovou as cotas raciais na pós-graduação.⁴⁵ Na obra já mencionada, *Vá no seu tempo e vá o final: mulheres negras cotistas no marco de 60 anos da UnB* de Dione Oliveira Moura e Deborah Silva Santos, comemora-se uma grande conquista, os 60 anos da Universidade de Brasília e junto dela o progresso histórico do ano de 2003, a instauração da política de ação afirmativa para jovens negras, negros e para jovens indígenas, ação que comemorou 20 anos em 2023. O livro contém depoimentos de mulheres negras, cotistas e amefricanas com relatos sobre identidade, trajetória acadêmica, carreira profissional e consciência histórica inseridos na realidade sócio-histórica brasileira.

2.2.2. AS MULHERES NEGRAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA TELEVISÃO E NO NO IMAGINÁRIO SOCIAL BRASILEIRO

Quando se fala de cultura, sabemos que o olhar social influencia os nossos pensamentos, comportamentos, julgamentos e crenças sobre o que é certo e

⁴⁴ Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe)

⁴⁵ ASCOM, D.; DA REITORIA, G. *Cepe comemora 20 anos das cotas na UnB*. In: UnB Notícias. 2023. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/76-institucional/6606-cepe-comemora-20-anos-das-cotas-na-unb>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

errado, o que é belo, o que é feio e esse molde social passa a ser como enxergamos, como somos vistos/as e representados/as.

Com as representações de pessoas negras por cineastas brancos/as em produções cinematográficas, entendemos como somos vistos socialmente, mas também percebemos que essa reprodução é carregada de julgamentos e preconceitos estruturais, com alocações sempre atreladas à sexualização dos corpos negros, submissão, inferiorização da raça, associação com o crime, raiva e má educação.

Quem assiste, ou já assistiu novela na TV aberta com certeza vai se lembrar de alguma personagem negra que retratava algum tipo de estereótipo, sendo ele o da negra fogosa, a barraqueira do bairro, a trabalhadora doméstica negra, (que somente é vista em cenas em que serve os seus patrões brancos), a negra rica poderosa e arrogante, a favelada, a mulher batalhadora e a crente (fiel que reproduz a religião evangélica), independente de qual tipo de produção audiovisual, essas representações estereotipadas das mulheres negras no Brasil ainda são vistas.

Quando questionada em entrevista sobre o que pensa da mulher negra no cinema, na televisão e no teatro, Lélia Gonzalez diz:

O que a gente vai perceber é que na nossa sociedade, as classificações sociais, no caso a racial e sexual entram aí também fazem da mulher negra este ser que é objeto dos mais sérios estereótipos que existem dentro da nossa sociedade. No caso do teatro, do cinema e da televisão o que a gente mais vai perceber é justamente isso, nós temos grandes atrizes, figuras como Zezé Motta, Léa Garcia, Ruth de Souza, Chica Xavier, Zenaide, essas mulheres, mulheres de uma força de interpretação extraordinária, mas que o espaço já está pré-determinado dentro desse espaço, sempre papéis secundários. (GONZALEZ, 2011)⁴⁶

Dados do segundo trimestre de 2023 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que a população negra correspondia a 56,1% da população brasileira⁴⁷. Segundo o *Estudo gênero e raça no setor audiovisual e com base nas ações afirmativas nas Chamadas Públicas do Fundo Setorial do*

⁴⁶ Lelia-Gonzalez_CULT E_ 01. , 1 Oct. 2011. . Acesso em: 11 dez. 2023.

⁴⁷ Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: Resultados do universo.

*Audiovisual - FSA*⁴⁸, podemos observar conforme as figuras a seguir, que no recorte por raça e por função técnica as pessoas brancas tiveram maior participação nos projetos contratados em relação aos inscritos entre os anos de 2018 - 2021, tanto para a função de direção principal quanto para a função de roteirista principal. Veja as imagens abaixo.⁴⁹

Fig 3 e 4 – Estudo gênero e raça no setor audiovisual

⁴⁸ O Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) é um fundo destinado ao desenvolvimento articulado de toda a cadeia produtiva da atividade audiovisual no Brasil. Criado pela Lei Federal nº 11.437, de 28 de dezembro de 2006, e regulamentado pelo Decreto nº 6.299, de 12 de dezembro de 2007, o FSA é uma categoria de programação específica do Fundo Nacional de Cultura (FNC).

⁴⁹ ANCINE. Participação por gênero e por raça nos diversos segmentos da cadeia produtiva do audiovisual. In: Gov.br. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos/pdf/Estudo%20genero%20e%20ra%20no%20setor%20audiovisual.pdf>> p. 125

Direção Principal - Projetos Contratados



³³ A categoria 'Outros' inclui pessoas amarelas e indígenas de todos os gêneros, bem como homens e mulheres trans, a categorias 'Outro' para gênero e os dados não informados para gênero ou raça. As informações mais detalhadas para cada categoria estão disponíveis em tabelas na planilha anexa a este relatório.

Roteiro Principal - Projetos Contratados



Fonte e créditos das imagens: Ancine.

Com base nos dados que constam nas imagens do estudo, entende-se que a maior porcentagem de projetos contemplados entre os anos de (2018 - 2021) tinham como diretores principais homens cisgêneros brancos, com 59,9%, e a segunda maior porcentagem para as mulheres cisgêneros brancas, com 23,5%. Já em relação a maior porcentagem de principais roteiristas observamos que a grande

maioria no mesmo período entre (2018 - 2021) fica entre homens cisgêneros brancos, com 57,3% e de mulheres cisgêneras brancas, com 29,3%.

O audiovisual representa a forma artística do que vemos na sociedade, a desigualdade, o racismo, o crime e muitos outros males e bens que vivemos. A cinematografia é a arte de contar uma história através das telas, e de forma mágica tocar o telespectador com o que foi visto. Por isso, a identificação de pessoas negras em lugares de protagonismo é essencial para haver diversidade e reprodução de diferentes realidades no cinema, a encenação e direção dessas mulheres têm um papel importante na desconstrução de reproduções com base em estereótipos racistas.

Em muitas produções nacionais podemos constatar a visão de que as mulheres negras representam um símbolo de desejo sexual, com a objetificação de seus corpos e associação a cor negra como a “cor do pecado”.⁵⁰ Hoje, entende-se que a origem dessas expressões e interpretações do homem branco sobre a mulher negra tem um pé na construção de uma cultura colonial e racista, que carrega o pensamento de que as mulheres negras serviam somente como amantes e para momentos de diversão com seus senhores, enquanto as mulheres brancas eram esposas assumidas. Essa interpretação identifica a criação do imaginário público de que a cor negra simboliza mulheres que são fogosas e estão sempre disponíveis.

Um exemplo, são as alocações das atrizes negras Juliana Paes e Taís Araújo em seus primeiros papéis na TV aberta. Juliana Paes ingressou na Globo com a interpretação da trabalhadora doméstica Ritinha na novela *Laços de Família* (2000). Engraçado que durante a novela sua personagem aparentemente engravida do seu patrão branco, e este é o diálogo da cena:

Rita: Seu Danilo, eu tô grávida

Danilo: Quê? O que é que você falou? (pergunta o homem, apavorado)

Rita: É, tô grávida. Grávida do senhor!

⁵⁰ Expressão racista que relaciona a cor negra a algo errado, negativo, tentador e pecaminoso.

Essa forma de representação nos mostra algo problemático que acontece na realidade, mas neste caso a situação de assédio sofrido por Ritinha é romantizada e normalizada em cena. Ainda no cenário, após descobrir da gravidez, Danilo deixa claro que não quer que a moça tenha o bebê e que seu objetivo é esconder o que fez de sua esposa. Aqui, enxergamos que talvez o passado não esteja tão longe assim, a partir do momento que vemos situações parecidas onde a mulher negra é usada para diversão e sexo, mas ela e até seu bebê, antes mesmo de nascer, são rejeitados.

Em termos de trabalho doméstico, vamos encontrá-la na função de mucama e/ou ama de leite. Nessas circunstâncias, ela mantém um contato direto com seus senhores, assim como com tudo aquilo que tal contato implicava (desde a violência sexual e os castigos até a reprodução da ideologia senhorial). Mas foi justamente a partir daí que ela fez a cabeça do dominador, sobretudo ao exercer a função materna enquanto “mãe preta”. (GONZALEZ, 2020, p. 180.)

A “mãe preta” descrita por Lélia Gonzalez na citação, representa a mulher que resiste de forma passiva, que viveu na pele constantemente o racismo e hoje cria em sua cabeça a romantização familiar de que “praticamente faz parte da família”, ela conseqüentemente acaba representando e carregando consigo falas e ensinamentos com base na estrutura racista de sua criação. No entanto, a mãe preta também é responsável por inserir costumes da sua raiz e origem negra na elite branca patriarcal em que vive, levando ao núcleo da família branca seus costumes e tradições, de forma consciente ou não. Ali, de forma natural, sua resistência se mantém viva e é garantida a sobrevivência do seu ser, suas línguas, culturas e tradições.

Um exemplo de abordagem que retrata a representação cinematográfica da “mãe preta” é o filme *Que horas ela volta?* (2015) de Anna Muylaert⁵¹. O filme, vencedor de 7 troféus no 15º Prêmio do Cinema Brasileiro, conta a história de Val, uma trabalhadora doméstica brasileira pernambucana que trabalha e mora em um quarto de trabalhadora doméstica com seus patrões de classe média alta. Na obra,

⁵¹ QUE Horas Ela Volta? Direção: MUYLART, Anna. Produção: GULLANE, F. GULLANE, C. IVANOC, D. MULAYERT, A. Local: Pandora Filmes, 2015. Trailer Oficial – In: Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dffs46VCJ_g&themeRefresh=1>

Val cria o filho de sua patroa enquanto manda dinheiro para ajudar na criação de sua filha (Jéssica) que aparentemente foi criada por terceiros com a ajuda de seu pai.

Importante lembrar que no filme, assim como a personagem Ritinha, Jéssica (filha de Val) também é assediada constantemente, mas agora por José Carlos (patrão de sua mãe), contrário de como foi com a personagem Ritinha, aqui a obra aborda a problemática de uma forma diferente, totalmente realista e crítica sobre os fatos que ali ocorrem. O filme também mostra as divergências de entendimento sobre o lugar de pertencimento entre mãe e filha dentro da casa de seus padrões, deixando evidente como Val se encontra em uma situação de submissão, enquanto sua filha Jéssica não se enxerga nesse lugar.

Já Taís Araújo, foi pioneira como a primeira protagonista negra na TV Globo, interpretando *Xica da Silva* (1996). A novela conta a perspectiva da história sob olhar do homem branco, na trama a personagem Xica é interpretada de uma forma totalmente estereotipada e preconceituosa, destacando constantemente que seu principal atrativo era o sexo. Fora a representação equivocada da personagem principal, ao longo dos capítulos a novela não economizou em cenas de erotismo, violência e sexualização dos corpos negros.

Vale lembrar que a primeira atriz a protagonizar *Xica da Silva* foi Zezé Motta na produção do filme *Xica da Silva* (1976) dirigido por Cacá Diegues. Sobre isso, Lélia diz:

Eu percebia por parte do movimento negro uma crítica muito grande a Zezé Motta pelo fato de ter feito a Xica da Silva e, então, eu tomei a defesa da Zezé porque evidentemente não era ela que era responsável pelo tipo de imagem que o filme dava, mas o diretor do filme né! Então, a partir daí, eu me solidarizo com ela. (GONZALEZ, 2011)⁵²

Aqui entendemos que quando se fala de História e cultura negra, é essencial a representação de olhares de cineastas negros/as para que nossas histórias sejam contadas por pessoas que ressaltem o verdadeiro valor da ancestralidade, cultura e identidade negra.

⁵² CULTINE. Lélia Gonzalez - Pt 1. In: Cultine - Youtube. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o9vOVjNDZA8>> Acesso em: 11 dez. 2023

Em diferentes espaços nos deparamos com o controle imposto socialmente a respeito das mulheres negras, onde dizem em que lugar pertencemos e devemos estar. Somos questionadas em vários quesitos de nossas vidas, primeiro, enquanto crianças na escolha de como usar nossos tipos de cabelos, a fim de evitar o racismo e esconder nossas raízes negras, quando mais velha com o questionamento de terceiros sobre a nossa qualificação e lugar de pertencimento em cargos superiores, e quando adulta na criação de nossos filhos e em como educá-los em um mundo racista.

Esse controle busca objetificar, subordinar e nos colocar em um lugar de invisibilidade social. Não podemos, e não vamos mais deixar isso acontecer. Agora é hora de a gente contar a nossa própria história!

3. CINEMA NEGRO, AMOR E ANCESTRALIDADE: RELATO DE ENTREVISTA COM EDILEUZA PENHA DE SOUZA ⁵³

3.1. "É PENSAR ESSE LUGAR DA ANCESTRALIDADE, DE QUE EU SOU PORQUE ELAS FORAM, ME PERMITIRAM SER!"

Edileuza Penha de Souza nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, mas foi criada desde pequena em Grande Vitória (ES) com uma família grande e amorosa. Quando lembra de sua infância, ela conta que em casa com seus familiares, mesmo sendo uma família pobre, nunca lhe faltou carinho, cuidado e atenção. "Minha referência de família é essa, uma família negra, numerosa e muito afetuosa", diz ela.

Sua avó era benzedeira, lavadeira, tinha muita sabedoria de conhecimentos ancestrais, com ervas, receitas e cuidados que passaram por gerações. Cheia das traquinagens quando pequena, ela sempre buscou a proteção na barra da saia de sua avó Sebastiana. Ao lembrar sobre suas memórias de infância e de sua avó, Edileuza diz: "Quando eu penso na minha avó Sebastiana, eu penso nesse lugar do afeto, do quanto que é necessário, e ainda urgente a

⁵³ Entrevista com Edileuza Penha de Souza, dia 06 de novembro de 2023, com informações de acervo pessoal.

gente demarcar esse lugar do afeto para as famílias negras, então, minha avó era isso, afeto”.

Fig 4 – Dona Sebastiana, avó de Edileuza.



Fonte e créditos da imagem: acervo pessoal de Edileuza Penha de Souza.

Em suas memórias, ela carrega lembranças de sua criação com um conjunto de mulheres, vizinhas, tias e madrinhas que sempre estiveram na função de cuidar e vigiar as crianças. Filha de uma família inter-racial, de mãe branca e pai negro, ela se lembra de situações nas quais sua mãe enfrentou por ser casada com um homem negro, relembra Edileuza “Coisas do tipo, de estar no hospital, com aquela renca de filhos, (éramos seis) e falarem: nossa que bonitinho, os filhos de criação”. Em conversa sobre seu pai, ela fala que mesmo sem a presença em militâncias e discussões raciais, ele entendia o que o racismo representava e lutou para que sua família estivesse em um lugar melhor, e revive uma de suas falas “precisamos ser melhores para que possamos ser iguais”.

O seu interesse pelo cinema aconteceu muito cedo em sua vida. Quando criança, seus padrinhos/tios moravam pertinho de um cinema, do Cine Aterac, no

IBES, em Vila Velha, a cineasta conta uma de suas memórias: “a gente vendia latinha, papel, para ir para o cinema, e geralmente quem escolhia os filmes era meu primo, que é um pouquinho mais velho”. Após algum tempo, já adulta, na juventude, enquanto trabalhava em um comércio (emprego que não gostava), o cinema passou a ser o seu lugar de refúgio, em horas vagas era lá que ela estava: “Às vezes para poder ver um filme completo, eu tinha que ir muitas vezes ao cinema. Assim, completo pegando pedacinhos, dez minutos aqui, que era folga, mais dez minutos amanhã”. (SOUZA, 2023)

Sua primeira paixão no cinema foi o filme, *Hair* (1979) de Milos Forman, sobre sua experiência com o filme, ela afirma: “ainda que não fossem protagonistas, foi o primeiro filme em que vi um casal negro, e isso me chamou muita atenção, isso me marcou profundamente. Eu vi *Hair* (1979) umas trinta vezes” (SOUZA, 2023), no trecho ela destaca a importância da representação para a construção do imaginário de crianças e adolescentes, ou seja, quando ela diz, “para mim era aquele casal negro. Isso eu nunca tinha visto nas telas” deixa claro que essa exibição gerou identificação e ela se viu representada em ver um romance entre pessoas negras no cinema.

Durante sua adolescência, ela diz que sentia vontade de alisar seus cabelos, mas essa questão acabou sendo esquecida ao decorrer da sua introdução no movimento negro, “Eu sou de uma época que não se alisava cabelos de crianças. Hoje em dia é muito comum isso, mas naquela época era ferro quente” em seu relato ela conta que os mais velhos só deixavam as meninas passarem pelo processo de alisamento a partir dos onze anos, e se tivesse um bom comportamento, mas por ser uma criança e adolescente que vivia aprontando, esse dia nunca chegou, e assim ela nunca alisou seus cabelos.

Em seu período escolar, quando sofreu discriminações, a sua forma de rebater isso era sendo firme e deixando claro que aquilo não aconteceria novamente, “Quando sofri discriminações na escola, a minha forma de enfrentar isso era ir para porrada” por sua mãe ser uma mulher branca, muitas vezes não compreendia tamanha revolta de sua filha, e tentava conversar contornando o acontecido, relembra Edileuza: ela dizia “minha filha, não faz isso!”... e eu: “aham, vou fazer não, vou fazer sim!”.

Quando falamos sobre sua juventude e sobre o seu primeiro amor, ela conta “Bom, meninas negras sempre são rejeitadas, meninos brancos querem as meninas brancas, os meninos negros também querem, então eu demorei muito tempo para beijar na boca”.

Durante muito tempo, tive receio de passar perto de grupos de adolescentes. Quando criança, fui alvo de piadas e chacotas por ser negra. Era inevitável ouvir alguma gracinha do tipo: "Olha sua mina aí, não vai me apresentar?", ao que o garoto que era "alvo" se defendia: "Sai fora!". Ter uma namorada como eu era algo impensável. (RIBEIRO, 2018. p.19)

Edileuza em sua fala remete ao sentimento de solidão da mulher negra, que assim como Djamilia Ribeiro também descreve, muitas vezes são rejeitadas amorosamente e preteridas em diversas fases de suas vidas. Essas mulheres são desconsideradas, invisibilizadas e abandonadas em relações amorosas, no mercado de trabalho, na velhice, entre outros espaços, se encontrando em uma posição de solidão.

Após esse período, logo em seguida ela entrou no movimento social negro, e com seus catorze anos já era uma militante/intelectual do movimento, participava da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), com presença em diversas passeatas. Então, quando se vê na idade certa (de acordo com o que diziam os mais velhos) para realizar o famoso alisamento capilar que tanto esperou, ela já não queria mais isso, e já se entendia como uma mulher negra.

Fig 5 e 6 – Edileuza Penha de Souza atuando em movimentos sociais negros



Fonte e créditos das imagens: Acervo pessoal de Edileuza Penha de Souza.

Seu interesse pela militância começou desde cedo, vivendo em uma casa em que seu pai era militar, e sua mãe evangélica da igreja Assembleia de Deus, ela se via repreendida muitas vezes por ser vaidosa e pela sua rebeldia, e assim, sentia na pele a rigidez de seus pais,

A minha mãe era da Assembleia de Deus numa época em que a Assembleia tinha uma rigidez incrível, assim, em que as mulheres não podiam cortar cabelo, tinham que usar saia, não podia nenhum traço de vaidade. (SOUZA, 2023)

Ela iniciou no mercado de trabalho cedo, desde nova trabalhava de dia e estudava de noite para ajudar em casa, mas sempre mantendo sua presença no movimento social negro. Em 1980 ela participou também do movimento de reabertura do Colégio Estadual do Espírito Santo, uma escola de excelência, mas ao entrar na escola e se deparar com o Grêmio Estudantil fechado desde 1964, ela decide aproveitar o processo de redemocratização escolar para reivindicar junto aos seus colegas a reabertura do Grêmio Estudantil, a experiência de lutar por um direito de melhoria em seu colégio lhe despertou mais vontade pela militância e intelectualidade negra. Na mesma época, ela também participou do processo de criação do Centro de Cultura Negra do Espírito Santo (CECUN).

Edileuza percebe participando de organizações do movimento negro para o primeiro encontro Sul-sudeste, que muitos membros homens não discutiam questões de gênero, e que mesmo dentro da militância/intelectualidade negra,

fazendo parte do movimento das mulheres, as mulheres negras eram invisibilizadas. Sendo assim, não se falava sobre questões raciais em movimentos feministas das mulheres e nem de gênero no movimento negro.

Foi no primeiro encontro do Sul-sudeste que Edileuza Penha de Souza teve sua experiência com Lélia Gonzalez, enquanto Lélia participou como palestrante. Todos esses encontros Sul-sudeste, Norte-nordeste e Centro-oeste resumiram no Primeiro Encontro Nacional de Entidades Negras (ENEN), realizado na cidade de São Paulo (SP) em novembro do ano de 1991⁵⁴. Em 1988, Edileuza também participou do primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN), no Rio de Janeiro (RJ), em Valença.

Ela fez o seu primeiro mestrado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde também se formou na graduação. Em conversa ela relembra como se sentia sendo uma das poucas mulheres negras no campus, “Então, tanto a graduação em História quanto no mestrado, processos de solidão, assim, a gente contava nos dedos das mãos o número de negros, incluindo estudantes africanos”, ela também conta sobre um dos únicos professores negros da graduação que marcou a sua trajetória da época, professor Cleber Maciel, que apoiou a fundação do Grupo Raça com estudantes negros do curso de História.

Na década de 1990, ela se formou em História na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Depois de se mudar para Brasília (DF), atuou como professora de educação básica em periferias, nas quais a maioria das turmas eram formadas por pessoas negras. Ali, Edileuza já usava o espaço da sala de aula para debater com seus/suas alunos/as sobre questões raciais.

Edileuza Penha de Souza sempre buscou levar o ensino com narrativas e protagonismos negros para os seus alunos e alunas, chegou em Brasília há mais de 18 anos a convite do Ministério da Educação (MEC), a fim de colaborar com a implementação da Lei 10.639, de 2003, lei que determina o ensino obrigatório da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana para a educação acadêmica.

Além de atuar na formação de professores/as e na elaboração de materiais didáticos, como os volumes 1, 2 e 3 da obra: *Negritude, Cinema e Educação*:

⁵⁴ CONEN. *A perspectiva de unidade na diversidade: O I Encontro Nacional de Entidade Negras*(*). In: Portal Geledés. 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-perspectiva-de-unidade-na-diversidade-o-i-encontro-nacional-de-entidade-negras/>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003, com as publicações dos volumes 1 e 2 no ano de (2011) e o volume 3 no ano de (2014)⁵⁵, aqui ela detalha e compartilha sua própria experiência da época:

Quando eu venho para trabalhar no Ministério da Educação, uma das queixas dos professores era a falta de material para implementação da Lei 10.639, o que me levou a este livro. Nós vivemos numa sociedade racista e esse racismo, que é estrutural, ele se reflete em todos os âmbitos, inclusive nas universidades e nas escolas. (PENHA *apud* CASTRO, 2020.)⁵⁶

Edileuza também questiona sobre a construção de cursos em Universidades que não discutem e abordam uma perspectiva que fale sobre autores negros/as e ensinos sobre História e Cultura Afro-brasileira e Africana:

Como é possível terminar qualquer graduação tendo uma Lei que vai fazer vinte anos, que completou vinte anos, que é a Lei 10.639/2003, e você não ter elementos pra enfrentar uma sala de aula e pra poder levar a história da África, a história do negro... Então, tudo isso faz parte dessa estrutura racista que nos exclui de todas as formas. (SOUZA, 2023)

Em entrevista ela relembra e narra episódios sofridos enquanto atuava como professora na época:

Na universidade, não sei quantas mil vezes, de estar com giz ou com pincel na mão, lá na frente, e chegarem... "Aí, cadê a professora Edileuza?", eu dizia: Não, ela foi tomar um café, senta aí!, e a pessoa ficar quinze, vinte minutos e não se tocar que eu era a professora, ou então se tocar e ficar..."aí perdão". (SOUZA, 2023)

O trecho destaca situações racistas em que muitas professoras negras sofrem diariamente ao serem confundidas com ajudantes e auxiliares, sinalizando comportamentos racistas de sempre acharem que o lugar das pessoas negras é servindo, e não ensinando como um/uma educador/a. Além de mostrar a

⁵⁵ Analisando filmes nacionais e estrangeiros, os autores e as autoras colocam à disposição dos colegas um pioneiro guia de trabalho e estudo. Para além de análises cinematográficas, o livro se apropria de temas sobre ancestralidade, sociedade, quilombo, racismo, discriminação, políticas públicas, valores civilizatórios afro-brasileiros, cultura, juventude, literatura e diversidade, fazendo um convite poético e criativo para a implementação da Lei 10.639/03 no espaço escolar.

⁵⁶ CASTRO, M. *Semana da Consciência Negra: documentarista e professora do DF busca espaço para narrativas que abordem questões sociais*. In: G1. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/11/21/semana-da-consciencia-negra-documentarista-e-professora-do-df-buscam-espaco-para-narrativas-que-abordem-questoes-sociais.ghtml>>.

Acesso em: 11 dez. 2023.

importância de se ver mais cores nas universidades e em espaços de conhecimento.

De acordo com sua fala, entende-se que precisamos romper com a predestinação esperada, se nota a importância das cotas raciais e de projetos como o *Cartas para o Amanhã* para não vivermos mais a solidão negra em Universidades Públicas, em espaços de aprendizado.

Quando está finalizando seu Doutorado, que conclui em 2013, ela percebe a ausência de mulheres negras na história do cinema, em suas pesquisas como historiadora ela descobre que Adélia Sampaio foi a primeira cineasta negra brasileira, com o filme *Amor Maldito (1984)*, longa-metragem que conta a história de Fernanda (Monique Lafond) e Sueli (Wilma Dias) que vivem um amor lésbico. O filme é um grande marco para o Cinema Lésbico nacional e também para o cinema negro.

Em uma entrevista ao Canal Preto, Adélia Sampaio diz:

A Edileuza para mim, é uma figura mágica, eu a vejo ela como uma preta com a varinha de condão, que bateu no armário de vassouras velhas, onde eu estava e me retirou de lá. Porque foi ela como pesquisadora e historiadora que descobriu que eu era a primeira cineasta negra a dirigir um longa-metragem.⁵⁷

Adélia Sampaio foi pioneira como a primeira mulher negra no cinema com o curta: *Denúncia Vazia (1979)*, logo após vieram outras produções: *Adulto não Brinca (1980)* e *O Segredo da Rosa (1974)*. Adélia Sampaio surge com um potencial incrível como cineasta.

Quando a gente fala do Cinema Novo, a gente não fala de Adélia Sampaio, quando a gente fala das pioneiras do cinema brasileiro a gente não fala de Adélia Sampaio, e a gente está falando de uma mulher negra, a gente está falando do quanto que o racismo tenta apagar, nos apagar o tempo todo, sabe? (SOUZA, 2023)

Edileuza Penha de Souza fundou em 2016 a Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio, a partir de uma disciplina na Universidade de

⁵⁷ Mulheres Negras: Cinema é COISA NOSSA! - Canal Preto - Minutagem da entrevista (2 min 02 / 6min46)

Brasília que busca homenagear a primeira cineasta negra no Brasil. “A gente organiza desde 2016, tendo o privilégio de conhecer cineastas aqui do Distrito Federal (DF), não tem sido diferente, cineastas negras incríveis, mulheres que eu me inspiro também para construir o meu trabalho”. (SOUZA, 2023)

Desde seu surgimento, a Mostra vem dando mais destaque ao cinema feminino negro no Distrito Federal. Sobre isso, Edileuza Penha de Souza constata: “É pensar que existem muitas histórias de mulheres negras que precisam ser contadas. Até então, não tinha ninguém contando, e eu fui buscar esse lugar de contar essas histórias a partir do audiovisual”.

Em 2019, Edileuza Penha de Souza lança o livro *Princesas Negras (2019)*, em conjunto com sua irmã Ariane Meireles. Tudo acontece da seguinte forma: um dia, em uma praia, as irmãs avistam uma menina branca que com frequência recebia elogios de seus familiares, lhe chamavam de “princesinha do papai,” “princesinha da mamãe,” “minha princesa”, uma criança rodeada de muito amor. De repente chega logo em seguida uma menina negra vendendo balas, que deveria ter por volta de seis anos, nesse instante Edileuza e sua irmã chamam essa menina para conversar e começam a elogiar também, relembra a cineasta, “ela ficou extremamente constrangida...Princesa, sim!, olha o seu cabelo, seu cabelo é uma coroa, o seu cabelo é de rainha e, enfim, a tua pele tem melanina, só as rainhas têm melanina na pele”. Depois do show de elogios, a pequena vendedora de balas saiu muito feliz e com a autoestima lá em cima, quando termina a praia, sua irmã Ariane Meireles entra em contato com Edileuza e diz “nega, a gente tem um livro!”

Princesas Negras é um livro muito importante, e traz esse lugar de representações que não foram vistas em nossas infâncias, destaca como é necessária a representatividade negra, principalmente durante o período da infância, de crescimento.

Em seu primeiro curta-metragem, *Mulheres de Barro (2014)*, no qual vemos relatos de doze mulheres paneleiras e congueiras de Goiabeiras Velhas (ES), ela já vinha trabalhando em contar histórias de trabalho, de amor e ancestralidade. No curta-metragem, vemos doze mulheres que fazem painéis de barro, um trabalho feito à mão, de forma cuidadosa, que carrega uma herança ancestral de mulheres

que assim como as lavadeiras também buscavam uma forma de ganhar dinheiro com criações artesanais para o seu sustento e de sua família.

No filme, enquanto assistimos essas mulheres prepararem produções de panelas de barro e cantarem cantigas de amor, assistindo, sentimos a sensação de afeto, e mesmo que de uma forma simples, percebemos que essas mulheres carregam com si muitas histórias, muitas riquezas e conhecimentos de suas ancestrais. Durante o filme observamos o trecho de fala de uma das entrevistadas, Isabel Corrêa Campos, que conta como começou a fazer panelas de barro:⁵⁸

Eu aprendi com a minha mãe, eu vinha do colégio, aí fazia aquele monte de panelas, ela não gostava! Ela dizia: “eu não quero caco de torrar miséria, eu quero panela!”... Aí eu fiquei chorando, né, mas um dia ela resolveu, pegou uma tala e falou: “hoje você só sai daqui depois que você fizer uma panela, panela de gente!”⁵⁹

Filhas de Lavadeiras (2019), além de ser uma homenagem à Maria Helena Vargas da Silveira⁶⁰, que escreveu *As Filhas de Lavadeiras (2002)*, também é dedicado à sua mãe, avó e vizinha Dona Eva, de quem sua mãe era amiga, e juntas saíam para lavar roupas. Sua infância, seus familiares foram inspirações para sua carreira e lhe ajudaram a pensar esse lugar de ancestralidade. “Eu sou porque elas foram, porque me permitiram ser. Eu não estaria aqui na posição em que eu estou se não tivesse tido essas mulheres antes de mim”, declara Edileuza.

A obra não fala somente das filhas, mas também de suas mães, em sua maioria mães solas, que mantinham seu incentivo para que essas meninas continuassem nos estudos e vivessem um futuro melhor.

Foram graças a essas mulheres que a gente está aqui neste lugar, que a gente está com a bunda aqui nesse sofá fazendo essa entrevista. Então, do quanto que esse lugar, de onde vem a sua mãe, foi um lugar que te empoderou, foi um lugar que te possibilita ser a construção dessa mulher que você está sendo, e dessa mulher que eu sou. (SOUZA, 2023)

O filme fala sobre uma luta de muito tempo de nossos ancestrais pelo rompimento de predestinações, e tem um lugar de identificação, de carinho pela memória de nossas mães e por suas trajetórias de vidas. Edileuza Penha de Souza

⁵⁸ CURTA Mulheres 35 | 'Mulheres de Barro'. 13 jun. 2018. 1 vídeo (26 s). Publicado pelo canal Edileuza Penha de Souza. Disponível em: <https://youtu.be/4faXQjAZXVY?si=IKFjNSsbuDKUHtTi>. Acesso em: 5 jan. 2024

⁵⁹ Curta Mulheres 35 | 'Mulheres de Barro' (minutagem: 6 min 39)

⁶⁰ Maria Helena Vargas da Silveira foi uma escritora, pedagoga e professora brasileira.

explica a importância de representar o cinema negro no feminino e de dar visibilidade para artistas e cineastas negras que estão aqui perto de nós. “É importante pensar o cinema como um espaço também de afeto, não mais corpos negros estirados no chão, mas sim esse cinema que nos possibilita sonhos”, constata Edileuza.

Filhas de Lavadeiras (2019) foi o último trabalho que Dona Ruth fez, Ruth de Souza foi a primeira atriz negra a atuar como protagonista na TV brasileira. Edileuza Penha de Souza deixa sua homenagem em fala:

Eu me sinto muito honrada de ter tido o privilégio de ter gravado com Dona Ruth, Dona Ruth e todas elas, que fazem parte desse documentário, porque são mulheres preciosas. Dona Ruth foi a única que não viu o documentário pronto, enfim, mas acho que ela teria muito orgulho do trabalho. (SOUZA, 2023)

Com 22 minutos, o filme *Filhas de Lavadeiras (2019)* teve aporte do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) no valor de R\$120 mil. O documentário ganhou muitas premiações após o seu lançamento, o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, como o melhor curta-metragem documental, concedido anualmente pela Academia Brasileira de Cinema e Artes Audiovisuais (ABCAA). Após tamanho prestígio, houve o convite para participar da Premiação da Academia Francesa de Cinema, onde de oitenta e nove filmes brasileiros, *Filhas de Lavadeiras (2019)* foi o único filme vencedor. Além de outras premiações, como: Júri da 25ª edição do Festival É Tudo Verdade, e com esse festival a indicação ao Oscar; o Prêmio Aquisição Canal Brasil de Incentivo ao Curta-Metragem; Troféu Tesourinha de Júri Popular no 8º Festival Internacional de Curtas de Brasília; Melhor filme pelo júri popular, Melhor filme pela região Centro-oeste; Norte e Nordeste (Conne) no 7º Festival de Cinema Feminino - Tudo sobre Mulheres em Cuiabá-MT e Menção Honrosa no 4º Cine Tamoio - Festival de Cinema de São Gonçalo/RJ de 2019.

Em outubro de 2018, Edileuza Penha de Souza fez o seu Pós-Doutorado, no qual tem como tema a análise do filme *Café com Canela (2017)*, de Glenda

Nicácio e Ary Rosa. A obra conta a história de Margarida, personagem principal que passa por uma depressão após a perda de seu filho. Com cenas carregadas de representações religiosas, de afetividade, cuidados múltiplos, de amizade, companheirismo e muito amor. Sobre o filme, Edileuza diz,

Eu digo, repito até que *Café com Canela* (2017) é dos meus filmes favoritos, o primeiro filme que eu vi na vida em que ele rompe com muitos estereótipos, mas sobretudo com os estereótipos masculinos, porque todos os homens que estão ali representados são homens cuidadosos. (SOUZA, 2023)

A representação de uma rotina natural com a construção desses personagens, seus olhares de afeto e vínculo despertam o sentimento de lar no coração de quem assiste.

O Marcos, companheiro da Violetta, é o cara que cuida também, que ajuda a cuidar da vizinha, que ajuda a cuidar dos filhos, da casa, e é um trabalhador, e claro tem o momento deles de afeto. O Ivan, que é o personagem gay do ator Babu Santana no filme, forma um casal extremamente cuidadoso um com o outro. Então, eu acho que é esse lugar também de dar um outro espaço para a masculinidade negra. (SOUZA, 2023)

Ao pensar no cinema feminino negro, ela cita diversas referências. Aqui, a cineasta destaca nomes de autoras e filmes que lhe marcaram e também fazem parte da história do cinema negro feminino no Brasil, como: *Dia de Jerusa* (2014), de Viviane Ferreira; *Aquém das Nuvens* (2012), de Renata Martins; *Casca de Baobá* (2017), de Mariana Luiza; *Echarpe Noir* (2018), de Bárbara Fuentes e *Vamos Fazer um Brinde* (2010), de Sabrina Rosa, a segunda mulher negra a fazer uma ficção no Brasil. (SOUZA, 2023)

Vão das Almas (2023) é o novo filme dirigido por Edileuza Penha de Souza e Santiago Dellape, a obra traz a lenda do Saci em formato de terror brasileiro, foi gravado no território Kalunga, em Cavalcante na Chapada dos Veadeiros. Todos os atores residem na região de produção e fizeram parte do filme.

O terror não é o saci, o terror é a chegada dos coronéis na terra, quando eles invadem e se apropriam, esse é o nosso grande terror. Eu venho desse lugar do cinema negro, o cinema que acredita em

produzir afeto, produzir coletividade. (SOUZA, 2023)⁶¹.

Na data em que escrevo este artigo, o filme ainda não teve sua exibição em Brasília, mas já está agendada a Mostra Competitiva do 56º Festival de Brasília, no dia 15 de dezembro de 2023, no Cine Brasília. Sua recente produção já rodou com exibição nacional e internacional e chegou ao 10º prêmio da carreira, totalizando com os seguintes prêmios: 14º Festival de Cinema de Triunfo - Melhor Filme (Júri Oficial) e Melhor Direção; VI Festival de Cinema de Trancoso - Melhor Curta (Ficção); IV Griot - Festival de Cinema Negro Contemporâneo - Melhor Direção; DJANHO! - Com o melhor VFX; VII Morce-GO Vermelho - Melhor Filme Nacional; 12º Festival Cine Favela de Cinema - Menção Honrosa; Mórbido Fest - Menção Especial; 8º Rio Fantastik Festival - Melhor Curta-Metragem (Júri ACCRJ) e Melhor Direção (Júri ACCRJ).

No mês de dezembro de 2023, presente data em que escrevo, *Vão das Almas* (2023) apresenta seu itinerário por 13 cidades: Balneário Camboriú; Benin; Brasília; Goiânia; João Pessoa; Las Vegas; Maceió; Manaus; Mumbai; Niterói; Porto Alegre; São Bernardo do Campo e São Paulo.

4. PRÉ-ESTRÉIA E RESULTADOS

No dia 07 de dezembro de 2023, aconteceu uma pré-estreia no VI Colóquio Internacional Cinema & História (FAC/UnB), com a seguinte banca: Renata Melo Barbosa do Nascimento (Doutora e pesquisadora em História, Cinema e Literatura), Carolinne Mendes (Doutora e Professora de História e Pesquisadora de Cinema), Noel Carvalho (Professor e Pesquisador que investiga os temas: cinema e cultura brasileira; o negro e o cinema brasileiro; cinema e política; produção, inovação e mercado cinematográfico) e eu, Tainá Alves Carvalho de Oliveira, representando o projeto *Cartas para o Amanhã*, como estudante de Comunicação Organizacional e

⁶¹ G1. *Bora Falar de Cultura: curta-metragem de terror, "Vão das almas" resgata lenda do Saci para denunciar apropriação de terras quilombolas*. In: G1. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/bom-dia-df/video/bora-falar-de-cultura-curta-metragem-de-terror-vao-das-almas-resgata-lenda-do-saci-para-denunciar-apropriacao-de-terras-quilombolas-12064410.ghtml>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

de cinema feminino negro. O evento teve transmissão ao vivo via *Youtube*, durante a apresentação a professora Renata Melo se emocionou e todos aplaudiram bastante, fizeram perguntas e houveram comentários de professoras e convidados que também elogiaram a produção.

Após o evento, conversei com os convidados sobre o conceito e produção do documentário, troquei contatos para que as professoras/os presentes pudessem transmitir o documentário em sala de aula e divulgá-lo em suas redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando como se deu o surgimento do feminismo negro, vemos que as representações de militantes/intelectuais negras nas reivindicações por seus direitos em movimentos sociais negros foi essencial para o despertar de uma consciência coletiva e unida entre essas mulheres, e então, com o feminismo negro, essa luta se tornou maior e mais forte com o tempo.

A forma que somos vistas e principalmente, como somos representadas no cinema, diz muito sobre o pensamento cultural enraizado com viés racistas e sexistas que há muito tempo vem alimentando a imagem estereotipada das mulheres negras, que nos coloca como agressivas, arrogantes e sexualizam nossos corpos. Por isso, precisamos estar a frente, no palco mesmo, falando, sendo vistas e representando diversas meninas e mulheres que passam pelas mesmas situações, mesmas comparações e lutam por igualdade e respeito.

Contar a história de mulheres que estão aqui, lado a lado, lutando pela mesma causa, além de ser uma forma de homenagem a suas trajetórias de vida e em vida, é uma forma de não inviabilizá-las, e a documentação desse material é algo muito importante para a representação disso hoje e amanhã.

Edileuza Penha de Souza, reflete através de suas produções cinematográficas sua essência e história como mulher negra, o seu íntimo faz parte de sua produção, ela vem criando sob uma perspectiva natural na qual conta histórias de mulheres negras sob um olhar cultural, interior que mostra representatividade, ancestralidade, afetividade e amor no cinema.

Carecemos falar mais sobre projetos como o *Cartas para o Amanhã*, que trazem uma perspectiva afrocentrada, debates e leituras que permitem e expandem

o conhecimento sobre o feminismo negro, racismo, sexismo e interseccionalidade, e permite uma nova visão crítica e social.

Quando falamos “precisamos contar a nossa própria história” queremos dizer, nós mulheres negras precisamos falar de cultura negra, precisamos representá-la, e dar visibilidade para mulheres que estão aqui, e que lutam pelo feminismo negro. Precisamos contar mais histórias, e enxergar novos olhares de mulheres negras talentosíssimas que estão muitas vezes aqui, do nosso lado.

REFERÊNCIAS

ANCINE. *Participação por gênero e por raça nos diversos segmentos da cadeia produtiva do audiovisual*. In: Gov.br. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/Estudo%20genero%20e%20raca%20no%20setor%20audiovisual.pdf>> p. 125

ASCOM, D.; DA REITORIA, G. *Cepe comemora 20 anos das cotas na UnB*. In: UnB Notícias. 2023. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/76-institucional/6606-cepe-comemora-20-anos-das-cotas-na-unb>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOCCHINI, Bruno. *Família manteve mulher em situação análoga à escravidão por 50 anos*. In: Agência Brasil. 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2022-04/mpt-processa-familia-por-manter-mulher-em-situacao-de-escravidao>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

BOM DIA BRASIL. *Mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil, aponta Anistia Internacional*. Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/03/28/mulheres-negras-representam-62percent-das-vitimas-de-feminicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional.ghtm>. Acesso em: 08 dez. 2023.

CANAL PRETO. *Mulheres Negras: Cinema é COISA NOSSA!* -In: Canal Preto - Youtube. Direção de Canal Preto. Brasília, 2019. Son., P&B. Disponível em: <<https://youtu.be/LW0DK6bP2c0?si=LsTMB0IGkxh1Bowh>>. Acesso em: 4 dez. 2023.

CARVALHO, Rayssa A. *Hoje na História, 18 de Maio de 1950, acontecia a Criação do Conselho Nacional de Mulheres Negras, no Rio de Janeiro*. In: Portal Geledés. 2014 Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-18-de-maio-de-1950-acontecia-criacao-conselho-nacional-de-mulheres-negras-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 01 jan. 2024.

CASTRO, M. *Semana da Consciência Negra: documentarista e professora do DF busca espaço para narrativas que abordem questões sociais*. In: G1. 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/11/21/semana-da-consciencia-negra-documentarista-e-professora-do-df-buscam-espaco-para-narrativas-que-abordem-questoes-sociais.ghtml>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

CONEN. *A perspectiva de unidade na diversidade: O I Encontro Nacional de Entidade Negras(*)*. In: Portal Geledés. 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-perspectiva-de-unidade-na-diversidade-o-i-encontro-nacional-de-entidade-negras/>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CRENSHAW, K. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. In: Estudos feministas. Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-189, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

CULTNE. *Lélia Gonzalez - Feminismo Negro no Palco da História*. In: Cultine – Youtube. 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/WxB3SVZ2tzk?si=K2gS1N9arJOrNBBL>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

DAMASCO, Mariana Santos. *Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993)*. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/NLv5Bs6zRGHhzCZ8859x9dS/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

G1. *Bora Falar de Cultura: curta-metragem de terror, “Vão das almas” resgata lenda do Saci para denunciar apropriação de terras quilombolas*. In: G1. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/bom-dia-df/video/bora-falar-de-cultura-curta-metragem-de-terror-vao-das-almas-resgata-lenda-do-saci-para-denunciar-apropriacao-de-terras-quilombolas-12064410.ghtml>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

G1 São Paulo *Casa abandonada em Higienópolis: Entenda o caso da mulher que vive em mansão de SP*. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/20/casa-abandonada-em-higienopolis-entenda-o-caso-da-mulher-que-vive-em-mansao-de-sp.ghtml>. Acesso em: 11 dez. 2023.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376 p.

IZEL, Adriana. *Estudo mostra que negros são minoria no audiovisual brasileiro*. 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/21/interna_diversao_arte,661107/pesquisa-ancine.shtml. Acesso em: 09 dez. 2023.

KOYAMA, Emi. *The transfeminist manifesto*. Eminism.org, 2001. Disponível em:

LISBOA, Vinícius. *Ancine diz que nenhuma mulher negra produziu ou dirigiu filmes nacionais em 2016*. In: Agência Brasil. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2018-01/ancine-diz-que-nenhuma-mulher-negra-produziu-ou-dirigiu-filmes-nacionais-em>. Acesso em: 08 dez. 2023.

MARQUES, Marília. *A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil', diz ONU ao lançar campanha contra violência*. In: Portal Geledés. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

MNU JORNAL. *Entrevista Lélia González. Nº 19 - maio/junho/julho de 1991* (páginas 8 e 9). In: Blogueiras Negras. 1991. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/wp-content/uploads/2013/07/entrevistalelia-mnu.pdf>. Acesso em: 21 jul 2023

MOURA, D.O.; ALMEIDA, T. M. C. de . *Ancestralidade, interseccionalidade, feminismo afrolatinoamericano e outras memórias sobre Lélia Gonzalez*. Arquivos do CMD, [S. I.], v. 7, n. 2, p. 27–45, 2020. DOI: 10.26512/cmd.v8i2.31148. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/31148>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MOURA, Dione Oliveira. *Cartas para o amanhã: vigilância comemorativa lélia gonzalez. VIGILÂNCIA COMEMORATIVA LÉLIA GONZALEZ*. In: *Cartas para o amanhã*. 2020. Disponível em: <https://cartasparaoamanha.wixsite.com/website/cartas-enviadas>. Acesso em: 09 dez. 2023.

MOURA, D. O.; SANTOS, D. S. *Vá no seu tempo e vá até o final: mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB*. [s.l.] Portal de Livros da UnB, 2022. p. 168. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/303> Acesso em: 20 nov. 2023.

MOREIRA, N. *Movimento feminista negro no Brasil*. In: Núbia Moreira. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/TQa0La1YIFw?si=zVpdFIBKMKVkbFKkk>> . Acesso em: 11 dez. 2023.

NADER, Maria Beatriz; MORGANTE, Mirela Marin. *História e Gênero: a diversidade de resistências femininas no Brasil dos anos de chumbo*. Espírito Santo: Milfontes, 2021. 2 v.

PRUDENTE, Eunice. *Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra: Eunice Prudente destaca que a mulher negra sofre uma tripla forma de discriminação porque é mulher, negra e pobre*. in: Jornal da USP. São Paulo, 31 jul. 2020. Educação e Direitos, p. 1-2. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasil-eira-e-negra/>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 120 p.

RIBEIRO, Matilde. *Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing*. In: Revista Estudos Feministas nº 3(2), Florianópolis-SC, UFSC, 1995, pp.446-458.

SÃO PAULO. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado. *Pronunciamento do deputado Luiz Carlos Santos acerca da criação do documento O Censo de 1980 no Brasil e no estado de São Paulo e suas curiosidades e preocupações*. In: Assembléia Legislativa de São Paulo. São Paulo, 5 de agosto de 1982.

SARTI, Cynthia Andersen. *O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória*. In: Estudos Feministas, UFSC, v. 12, n.2, p. 35-50, 2004.

SOUZA, Edileuza Penha de. *Café com canela e a edificação do afeto no Cinema Negro Feminino*. 2022. 25 f. Tese (Pós-Doutorado) - Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SOUZA, Edileuza Penha de. *CINEMA NA PANELA DE BARRO - Mulheres Negras e suas narrativas de amor, afeto e identidade*. 2013. 260 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOUZA, Edileuza P. de. *FILHAS de Lavadeiras*. Direção de Edileuza Penha de Souza. 2019. (22 min.), son., P&B. Disponível em: <https://youtu.be/MDC2pre1FRA?si=cQ0Egjl7EPBJPAMX>. Acesso em: 20 nov. 2023.

TRAILER Oficial Novo - *Que Horas Ela Volta?*. 2015. P&B. Disponível em: <https://youtu.be/Dffs46VCJ_g?si=ScSfKxJO4JGnEKeP>. Acesso em: 09 dez. 2023.

VEIGA, Edison. *Longa 'Aqui não Entra Luz' aborda marcas do racismo e escravidão*. In: Uol. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/deutsche-welle/2020/11/20/longa-aqui-nao-entra-luz-aborda-marcas-do-racismo-e-escravidao.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 11 dez. 2023.

VIGOYA, Mara. *Viveros. La interseccionalid: una aproximación situada a la dominación*. In: Debate Feminista. v.52, pp. 1-17, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0188947816300>> .Acesso em: 20 mai 2019.

VILELA, Pedro Rafael. *Mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas no país: maioria recebe menos que um salário mínimo e não tem carteira assinada. Maioria recebe menos que um salário mínimo e não tem carteira assinada*. In: Agência Brasil. 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/mulheres-negras-sao-65-das-trabalhadoras-domesticas-no-pais#:~:text=Mulheres%20negras%20s%C3%A3o%2065%25%20das%20trabalhadoras%20dom%C3%A9sticas%20no%20pa%C3%A7%C3%AAs%20Ag%C3%Aancia%20Brasil>>. Acesso em: 08 dez. 2023.